**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR**

**Núcleo de História Oral**

# FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** OP-004 A / B
**Entrevistado:** Osmar Alves de Oliveira Júnior (Kelé)
**Local da entrevista:** Rua Alvarenga, 666 – Cabeças – Ouro Preto – MG
**Data da entrevista:** 25/03/2006
**Horário da entrevista:** 16h
**Duração da entrevista:** Tempo total: 1h30mim58seg – DVD / A: 57min49seg – DVD / B: 33min09seg

**Equipe do Vale Registrar / História Oral:**
**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa
**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)
**Entrevistadores:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor)

**Gravação das entrevistas:**
**Produtor:** Mateus Brandão (EMVIDEO)
**Câmera:** Walfried Weissman (EMVIDEO)
**Eletricista:** Mauro Siqueira (EMVIDEO)
**Motorista:** Carlúcio (EMVIDEO)
**Equipamento utilizado:** Câmera digital MiniDV

**Transcrição:** Bernardo Alves de Brito Andrade
**Data da transcrição:** 28/04/2006

**Conferência de fidelidade:** Josanne Guerra Simões
**Data da conferência:** 08/05/2006

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

**[Início da entrevista]**

**[DVD A]**

**Keka Simões –** Professor, em primeiro lugar eu gostaria que o senhor nos dissesse seu nome completo, a data e local de nascimento.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO][1]

**Kelé –** Bom, meu nome completo é Osmar Alves de Oliveira Júnior. Nasci em quatro de agosto de 1939, na cidade de Guaraçaí, noroeste paulista, quase divisa com Mato Grosso, perto da cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul.

**Keka Simões –** O senhor tem um apelido?

**Kelé –** Tenho. Eu sempre falo que meu nome é Kelé e o apelido é Osmar, porque ninguém sabe meu apelido. [riso] Pouca gente sabe que eu me chamo Osmar.

**Keka Simões –** Por que Kelé?

**Kelé –** Por causa do teatro na Escola[2]. Eu nunca tinha mexido com teatro. Tinha entrado para a Escola e o pessoal me conhecia... "Ô bicho[3]! Ô bicho!" Em um sábado à tarde, fui à Escola – aula extra do Doutor Tibiriçá[4]. Não estava muito animado para assistir à aula, não. Sábado à tarde você já viu, não é? Vi um movimento estranho no salão nobre da Escola: sábado à tarde, aquele pessoal lá... O que estava acontecendo? Era a turma de teatro da Escola. Eu deixei a aula para lá e falei: "Aula depois a gente vê". E fui ver o que era. Em 1959, antes de entrar para a Escola, eu já tinha assistido a uma apresentação de teatro e havia gostado muito. Aquele negócio todo sem compromisso e tal... E fui lá assistir. Isso era em 1960. Falei: "Oh, gente! O teatro que eu vi no ano passado!" Eles estavam para levar a peça **Lampião, o Terror do Cangaço**, que até tem naquele livro do Dequech[5], **Isto dantes em Ouro Preto**. Era a seleção do pessoal do elenco para distribuição do papel: o Lampião, os cangaceiros, a gloriosa Força Pública da Bahia, com o sargento Bigode Louro – que gostava de ser chamado de sargento *Mustach D'or* – e

[1] Houve um problema na gravação e a entrevista recomeçou como se segue.
[2] Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto. No decorrer da entrevista, sempre que aparecer a palavra Escola com letra maiúscula leia-se este enunciado.
[3] Como são chamados os alunos calouros dos cursos universitários brasileiros.
[4] Altamiro Tibiriçá Dias foi professor catedrático de Cálculo Infinitesimal da Escola de Minas.
[5] David Dequech, ex-aluno da Escola de Minas, engenheiro e escritor.

com o cabo Kelé. O cabo Kelé era um sujeito atrevido, bandido, um mau caráter assim no bom sentido. Não sei se existe isso, mas enfim... Sabe aquele tipo do malandro, meio carioca, aquele malandro romântico e tal? Mas chato, pegava no pé do sargento! E todos que vinham do Nordeste moravam na Verdes Mares[6]; por isso é que ela se chamava Verdes Mares. E o pessoal todo lá para selecionar, não é? Nordeste, cangaço... Eu fiquei assistindo. Na hora de escolher o personagem, havia umas deixas, umas tantas falas, e começou a testar. Depois de uns 10, Mário Metrand, uma pessoa que estudava muito esse negócio de teatro, um entusiasta do teatro, falou: "Olha, meu Deus do céu! É um problema o personagem do cabo Kelé, porque já testamos...". Eu confirmei, o pessoal riu e gozou: "Ah! Bicho, bicho, vem cá bicho!" De tanto assistir àquele negócio, eu decorei. Para quem não é de teatro, pegar para ler e ainda fazer... Fica ali amarrado. Eu falei: "Não, eu não preciso do texto". Aquilo mexeu um pouco com meus brios, sabe? Apesar de nunca ter feito teatro, eu falei: "Agora eu vou mostrar para esse pessoal! O que pode acontecer é: não serve também. E aí fica por isso mesmo". Apesar de nunca ter entrado em uma coisa dessas de teatro, fui lá e dei o que tinha. Aí o Mário Metrand: "Já tem um personagem escolhido, garantido na peça: o cabo Kelé!" Com o tempo, eles cassaram minha patente e ficou só Kelé! [riso]

**Keka Simões –** Kelé, qual é o nome dos seus pais?

**Kelé –** Osmar Alves de Oliveira e Angelina Belomo de Oliveira, filha de pai e mãe italianos.

**Keka Simões –** De onde eles eram?

**Kelé –** Meu pai é daqui de Minas[7], nasceu em Nova Lima[8]; minha mãe é de São Paulo, da região de Capivari.

**Keka Simões –** Em que seu pai trabalhava?

**Kelé –** Olha, meu pai já trabalhou muito em fazenda. Depois, já rapazinho, praticamente já adulto, arranjou um serviço na Estrada de Ferro Noroeste Paulista, para onde foi, onde conheceu minha mãe e se casaram. Eu nasci por lá e vim para Minas com um ano e meio. Meu pai arranjou esse serviço através de um contato com o pessoal da família Lanari: meu avô era administrador da

[6] República estudantil ainda existente em Ouro Preto.
[7] Minas Gerais.
[8] Município de Minas Gerais.

fazenda deles, da Fazenda da Jaguara[9], onde até tem uma igreja histórica e tal.

**Keka Simões –** Então a estrada de ferro tem uma história forte com o senhor.

**Kelé –** Tem. Eu sou ligado, sou chegado a uma estrada de ferro, trem. Morei ao lado de estação muito tempo.

**Keka Simões –** O senhor tem irmãos?

**Kelé –** Tenho mais dois.

**Keka Simões –** Qual o nome deles?

**Kelé –** Um se chama Stefan Alves de Oliveira e o outro é Lincoln Alves de Oliveira.

**Keka Simões –** Qual é a profissão deles?

**Kelé –** O Stefan se casou muito cedo. Estava estudando, parou de estudar, foi para São Paulo, onde trabalhou em pesquisa de mercado, na Anderson Clayton[10], até se aposentar. E ele pinta também, ganhou alguns prêmios, medalhas e tal. O outro fez Topografia – Agrimensura, para ficar mais apropriado – em Belo Horizonte[11], e trabalhou muito tempo em barragens. Atualmente, está aposentado, mora em Raposos[12], é solteiro e minha mãe mora com ele.

**Keka Simões –** O senhor poderia contar um pouquinho sobre sua formação escolar? Onde o senhor fez o Primário? Como foi até chegar aqui?[13]

**Kelé –** Eu fiz o Primário em Matozinhos, perto de Pedro Leopoldo[14], no Grupo Escolar Visconde do Rio das Velhas. Terminado o Primário – naquela época a gente chamava de Grupo Primário –, eu fui para Nova Lima, onde fiz o Ginásio no Liceu Imaculada Conceição. De lá eu vim para Ouro Preto fazer o Científico. Apesar de no Científico o pessoal já ficar externo, como eu não conhecia ninguém aqui, fiquei dois anos como interno no Colégio Arquidiocesano. Terminei o Científico, fiz o concurso logo em seguida, passei e fui fazer Escola de Minas.

---

[9] A Fazenda da Jaguara situa-se em Felixlândia, município de Minas Gerais. A família Lanari é uma das principais desbravadoras da região.

[10] Empresa que produzia alimentos, rações para animais, óleos vegetais e farelos em geral.

[11] Capital de Minas Gerais.

[12] Município de Minas Gerais.

[13] A entrevistadora refere-se à sua chegada a Ouro Preto, onde o entrevistado ainda reside.

[14] Matozinhos e Pedro Leopoldo são municípios de Minas Gerais.

**Keka Simões –** No período em que você esteve como interno, como era a rotina no Colégio Arquidiocesano?

**Kelé –** Bom, a rotina era a seguinte: às cinco e meia tocava o sino, a gente se levantava, aquele negócio. Não podia conversar no dormitório, nem na instalação. Iam todos em silêncio escovar os dentes e se arrumar para ir à capela, à igreja do Bom Jesus[15]. Aí, missa. Terminada a missa, café. Terminado o café, sala de aula. A gente tinha sempre aula na parte da manhã. A parte da tarde e a parte da noite eram para o estudo, não é? Terminadas as aulas, a gente almoçava. O pessoal do Científico tinha um privilegiozinho: podia sair, passear na rua, ficar... Depois tinha o estudo da tarde, o café, a janta. A gente saía para passear aqui também, não é? O pessoal do Ginásio ficava lá.[16] A gente chamava esse pessoal de cascudada: "Aí, cascudo! Fica aí, oh!"

**Keka Simões –** Cascudada?

**Kelé –** É, cascudo[17]. É um termo que caiu em desuso. Tinha o pessoal de nível superior... E quem não era da Escola de Minas, era da Escola de Farmácia, era chamado cascudo. O pessoal não usa isso mais, não é? Então... "Você está estudando aí?" "É, ainda sou cascudo". Aí passava, ficava lá... Agora não.

**Keka Simões –** Nas férias ou feriados vocês viajavam, saíam da escola? Como era?

**Kelé –** Aqui no Colégio a gente vinha e passava um semestre. Mesmo depois, quando eu já estava externo, e mesmo na Escola, a gente não tinha a facilidade que se tem hoje para sair, para ir a Belo Horizonte. Então a gente passava muito tempo aqui em Ouro Preto. Tinha época que a gente falava: "Ah! Não tem um feriado aí na segunda?" Então eu ia para casa de trem, não é? O expresso passava aqui na parte da manhã, ia até Mariana, de lá já tinha a Rede Mineira [18]... Não, é... Como é que é? Tinha uma outra estrada de ferro. Leopoldina![19] A Leopoldina. Aí ia para lá e tal e o trem voltava à tarde. Entre

---

[15] Capela do Bom Jesus de Matozinhos, adjacente ao Colégio Arquidiocesano.
[16] O entrevistado usa a indicação "lá" para se referir ao Colégio Arquidiocesano.
[17] Denominação dada pelos alunos do curso Científico aos estudantes que ainda cursavam o curso Ginasial, tomando de empréstimo o termo que, originalmente, era usado pelos estudantes da Escola de Minas para se referirem aos estudantes da Escola de Farmácia.
[18] Rede Mineira de Viação.
[19] Estrada de Ferro Leopoldina.

cinco e cinco e meia, eu pegava o expresso. Em Raposos, antes de chegar a Belo Horizonte, eu descia. Eram quatro horas de trem.

**Keka Simões –** Como era essa viagem?

**Kelé –** Ah, o trem é uma delícia! Depois que já tinha ônibus, aí você ia de ônibus, de avião. Quando você quer viajar, você tem que ir de trem! Porque o trem tem aquela coisa: dá tempo de você ver, você anda dentro do carro, você vê pessoas e tem sempre um vendedor de alguma coisa, não é? Hoje em dia, eu nem sei se a Saúde Pública deixaria, mas a gente sobreviveu a tudo isto – àqueles pastéis que a gente não sabia de onde, ao queijo, ao salgado, ao doce, ao que vinha! A gente sobreviveu. [riso]

**Keka Simões –** O senhor gostava de ver algum trecho da estrada?

**Kelé –** Olha, o trem é um negócio que faz parte. Até hoje eu sou viciado em trem! Então eu gostava muito a partir de Burnier[20], vindo aqui para Ouro Preto, na serra de Ouro Branco[21]. Porque o resto, a estrada ia contornando montanhas e seguindo leito de rios, e nem sempre você tinha uma visão muito ampla. Uns lugares... Por exemplo, Honório Bicalho[22], Rio Acima[23], tem uma serra muito bonita. De Raposos para cá, beirando o Rio das Velhas até pegar aqui para Ouro Preto, cada trecho tinha um destaque. Mas eu gostava muito quando passava, pegava aqui, porque em Burnier o trem manobrava para vir para Ouro Preto, esperava a bitola larga que vinha de Lafaiete[24] com o pessoal do Rio[25] que vinha para cá, e tinha esse movimento todo. Então, na hora em que o trem começava a subir a serra de Ouro Branco era uma coisa bem marcante! Depois a gente via as estaçõezinhas, não é? Ali o Dom Bosco[26], tinha o Tripuí[27]... Levaram a Estação de Dom Bosco, coisa estranha, não é?

---

[20] Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

[21] Município de Minas Gerais.

[22] Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

[23] Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

[24] Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

[25] Capital do estado de mesmo nome.

[26] Colégio Dom Bosco, localizado em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

[27] Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada em Ouro Preto.

Um dia, passou um vento e levou! [riso] Não sei para onde ela foi realmente; ela sublimou e cristalizou não sei onde! [riso]

**Keka Simões –** Você me falou que fez o concurso para a Escola, não é? Como você escolheu essa profissão?

**Kelé –** Olha, eu fiquei em dúvida. Uma certeza eu tinha: queria passar e entrar para a Escola. Depois que fiquei aqui um ano, vim para cá acidentalmente. É o seguinte: meu negócio era ser jogador de futebol! Eu, entusiasmado... Um colega meu, de Raposos, já tinha ido para o Vila Nova[28] e depois foi jogar no Santos, ao lado de Pelé[29]. Então [inaudível] o time era cracaço, não é? [inaudível] aquele negócio e tal, e eu, entusiasmado, falei: "Eu termino o Ginásio e aí já vou...". Minha mãe falou: "Não". Conversou com meu pai e falou: "Você vai sair daqui de Raposos, desse negócio, dessa influência. Você vai para Ouro Preto. Veja outras coisas e depois de um ano você faça da sua vida o que você quiser". Aí eu vim, passei um ano aqui, voltei, e minha mãe: "Então?" "Não, vou voltar para lá, vou voltar para Ouro Preto". Ninguém impôs nada, mas naquela hora ela falou: "Não, você vai para lá, porque você tem que sair daqui para ter uma visão mais crítica, para saber se é isso mesmo o que você quer". E fiquei aqui... Tomei a decisão por mim – foi a primeira grande decisão que eu tomei na vida, o que marcou muito. Quando eu cheguei lá, minha mãe ficou emocionada. Eu falei: "Não, mãe. Tranqüilo. Vou jogar futebol para me divertir mesmo". E fiquei naquele negócio: "Bom, vou passar na Escola". Na época de fazer concurso, fazer o quê? Tinha um curso geral – Minas, Metalurgia e Civil – e já estavam começando os cursos especializados: Metalurgia, Geologia, Civil e a Engenharia de Minas. Todos eles eram de Engenharia, mas eu estava sem saber qual. Realmente, eu não sabia. Terminando o Científico e tendo que fazer logo em seguida, não havia tempo para pensar. Fazer uma espécie de pesquisa, uma coisa vocacional, isso não tinha naquela época, como tem hoje; o pessoal hoje tem mais recurso para ajudar a definir. Meus filhos fizeram isso, não é? Um foi muito bem, o outro também. Mas um acertou em cheio, o mais novo; hoje é juiz. Foi fazer Direito, apesar de ter feito Escola Técnica, Mineração. Mas, então, eu falei: "Vou fazer

[28] Vila Nova Futebol Clube, time de futebol de Nova Lima.

[29] Edson Arantes do Nascimento, conhecido como "Pelé, o rei do futebol", é considerado o maior craque do futebol brasileiro. Jogando pelo Santos Futebol Clube, consagrou-se nesta carreira.

o curso geral, porque depois eu sigo...". Eu tive uma influência muito grande da mineração, porque a entrada de uma das minas da Morro Velho[30], a Mina de Raposos, ficava cerca de 200 a 300 metros da minha casa. Ao mesmo tempo, tinha o estigma daquele pessoal, porque meus companheiros todos de futebol, que ficaram lá, foram trabalhar na mina e contraíram a doença, a silicose. Muitos já morreram. Raposos, naquela época, era chamada de "cidade das viúvas", com média de vida de 45 anos. Ao mesmo tempo em que pensava em fazer Minas[31], eu falava: "Meu Deus do céu!" Mina, para nós, era mina subterrânea. Esse negócio de mina a céu aberto não era mina. A gente sempre associava o termo mina à mina subterrânea, e tinha essa presença marcante de uma das minas da Morro Velho ser em Raposos. Mas falei: "Bom, vou ver o que é a Metalurgia, o que é a Mineração, a Geologia". Eu também tinha muita identificação com o trabalho de mato. A vida inteira eu vivi no mato. Bom, mas Geologia, o que é Geologia? Eu não sei, não é? Então, Civil[32]. Civil era tudo uma curiosidade... Se der também, eu vou por ali. Depois de formado, vou dar ênfase e me aprofundar em um desses cursos. Então fiz o curso geral. Quer dizer, não terminei o sexto ano, porque já no quinto ano eu poderia me formar em Minas e Metalurgia, com atribuições legais do geólogo. Eu fiz algumas disciplinas que já estavam no sistema de mudanças dos regimes dentro da Escola. Ainda não tinha Universidade[33], não é? Então ficaram faltando umas três, quatro disciplinas, porque eu adiantei. Me formei e fui trabalhar.

**Keka Simões –** Durante o período de vida universitária, onde o senhor morava?

**Kelé –** Inicialmente, eu morei em casas alugadas, meses aqui, meses ali. Até que fui para a Baviera[34]. A Baviera antiga, não a Baviera de hoje, uma república bonita, moderna, toda novinha. Aconteceu um caso interessante. Essa Baviera ficava na Rua São José, em frente onde hoje é a Banca do Lívio. Alguém, cujo pai era ligado ao Sindicato do Ferro[35], conseguiu uma verba e comprou a casa da Rua dos Paulistas, com terreno e tudo. A casa estava

---

[30] Mineração de Morro Velho. Fundada em 1834, pelo capital inglês, a *Saint John Del Rey Mining Company* teve o controle acionário transferido para brasileiros em 1960, quando então alterou seu nome para Mineração Morro Velho. Na década de 1970, a Mineração Morro Velho associou-se à *Anglo American Corporation*.

[31] Engenharia de Minas.

[32] Engenharia Civil.

[33] A Universidade Federal de Ouro Preto foi criada na década de 1970.

[34] Uma das repúblicas estudantis de Ouro Preto.

[35] Sindicato Nacional da Indústria da Extração do Ferro e de Metais Básicos.

caindo aos pedaços. O pessoal foi para lá. Em uma primeira greve que houve aqui em Ouro Preto, pediram a casa onde eu estava morando. O pessoal dispersou e eu cheguei lá. Eu já era do Diretório[36], era tesoureiro do Diretório. Então eu falei: "Olha, estou sem lugar para morar." "Não, vai lá para a Baviera". Fui lá, arranjei um canto e fiquei na casa caindo aos pedaços. Teve um lance gozadíssimo! A gente preocupada... Como é que nós vamos fazer? A casa era nossa, mas a Escola não podia gastar dinheiro porque era uma coisa pública, e gastar em um imóvel particular, não é...? A gente levou um professor nosso, de Resistência dos Materiais: "Ô [inaudível] Será que você poderia dar uma olhada lá na Baviera? A gente está muito preocupada!" Ele foi, olhou e disse: "Não, gente! Podemos sair com calma. Nos próximos cinco minutos ela não cai". [riso] Então foi esse o clima. E nós ficamos ali: "Bom, como é que a gente vai fazer?" Fizemos um arranjo com a Escola, que doou umas coisas; tiramos a parte ruim da Baviera e começamos a reconstrução. Eu já estava no último ano da Escola. A turma dispersou e eu fui o último – fui o elo da primeira fase da Baviera, porque fiquei lá. Só o meu quarto não foi afetado; eu morei sozinho nos meses restantes, até me formar. Então, encerrou-se a primeira fase Baviera. Quando me formei, eu falei: "Bom, e agora? Quem vai ficar?" Apareceram mais dois, o Zé Gilson[37] e um outro rapaz, cujo nome esqueço agora. Aí já começou uma outra fase. Eu já tinha me formado, mas sempre acompanhando... Entrou em um acordo: a Baviera foi doada para a Escola e a Escola (depois Universidade) investiu e reconstruiu. Hoje é uma casa muito boa.

**Keka Simões –** Nesse tempo de estudante, de república, como era sua rotina na cidade?

**Kelé –** A minha rotina era uma rotina normal. Eu gostava de futebol. Gosto até hoje. Não consigo jogar, mas entro em campo, aquele negócio. Sempre fui uma pessoa que me interessei por tudo. Por exemplo, eu participei do coral de Ouro Preto. A gente gravou disco, foi ao Rio, deu audição; viajamos um pedaço do estado de Minas e mesmo de outros lugares, não é? A gente ia sempre a Belo Horizonte para apresentação, ao vivo, na **Rede Itacolom**i[38]. Não tinha essa

[36] Diretório Acadêmico.
[37] O entrevistado não mencionou o nome completo.
[38] Antiga emissora aberta de televisão de Minas Gerais.

coisa de gravar... Deu errado, começa de novo. Mas era aquele trem![39] Então tinha o coral do qual eu participava. Não sei nada de música, mas tenho ouvido e o coral também... Um dia eu estava lá na Churrascaria do Wilson[40], que era um ponto... Não existe mais hoje. E tinha um rapaz que cantava no coral. Aí eu falei: "Se você canta no coral, eu canto também, porque você não sabe o que é isso, você não tem ouvido, você desafina." "Você não tem coragem!" E o coral ensaiando do outro lado da Praça[41], onde é hoje uma loja de pedra. Tem o Museu[42], de um lado tinha a Churrascaria Marília e lá, onde o Ubirajara[43] morava com a família dele... "O coral está ensaiando. Quero ver você ir lá!" Aí fui. A mesma coisa do teatro: desceu aquele... "Vou lá sim!" Cheguei e o pessoal: "Oi, Kelé. O que foi? O que você está pretendendo aqui?" Eu falei: "Ô, Ubirajara! Esse cara aqui falou que eu não canto e eu falei: canto!" "Vou fazer um teste com ele. Que música você sabe?" Falei: "Meu Deus do céu!" Na época, tinha uma música do Miltinho[44]. Miltinho foi um cantor que fez um sucesso tremendo! Eu sabia uns pedaços, mas sabia a melodia toda. Apesar de não saber música, ouvido e voz eu tinha. Mas o Ubirajara falou comigo: "Não se preocupe". E fui cantando o que sabia, mantendo a melodia, fui fazendo variação de tom, aquele negócio, subia e descia. "Uai[45], Kelé! Você pode experimentar aí. Quem sabe se você gostar...?" Aí entrei para o coral. Bom, para que naipe? Tinha o tenor, o barítono, o baixo... Então... "Entra aí: tenor". Com o tempo, não sei se foi ou não insinuação dele, eu fui promovido a baixo. "Não sei se ele está dando a dica para eu ir embora". Ser promovido a baixo é estar sendo rebaixado, não é? [riso] Fiz de conta que não entendi e continuei no naipe de baixo, no time de baixo. [risos] Foi uma coisa muito boa porque o coral tinha o pessoal da Escola, professoras da Escola Normal, o pessoal da cidade e a gente, apesar... O Ubirajara era o pé-de-boi ali. Ele segurou aquele negócio: fazia os arranjos, fazia aquela coisa toda. E a gente ensaiava todo dia, quando tinha algum compromisso. Para gravar um disco de música de coral, música renascentista, gravação a capela, a gente tinha que

[39] Trem, neste caso, pode ser uma referência à dificuldade de gravar ao vivo.
[40] Antiga churrascaria que se localizava na Praça Tiradentes, em Ouro Preto.
[41] Praça Tiradentes.
[42] Museu da Inconfidência.
[43] O entrevistado não mencionou o nome completo.
[44] Cantor e compositor.
[45] Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

gravar um disco comercial. Foi aí que o Ubirajara pegou a Bossa Nova, que estava explodindo. Algumas músicas, como **Samba de Uma Nota Só** etc e tal... Gravamos o disco. Com base no resultado daquilo, a gente preparou um disco de músicas ainda populares, tradicionais, músicas tradicionais. Aí gravamos o que a gente queria: o *spirituals*, músicas renascentistas etc. Nas audições que a gente dava, tinha a parte popular e o canto a capela. Mas foi um negócio assim que... Até hoje, a gente tem as gravações: põe aquele negócio e volta no tempo. Foi muito bom!

**Keka Simões –** Em termos de lazer e de cultura, havia outras atividades que a cidade oferecia e das quais você participava?

**Kelé –** Olha, em tudo eu me metia um pouco, sabe? Quer dizer, nunca consegui fazer nada bem, mas fiz um pouco de tudo. Eu pertenci a JUC – Juventude Universitária Católica[46]. Era a minha militância. E era um negócio estranho, porque para radical de esquerda você era ligado à direita, e para a direita eu era comunista, entendeu? Um dia, eu falei: "Ô diabo! O que eu sou, afinal de contas?" [riso] Eu curtia bastante isso, a parte de militância. E participei de Diretório, de greve, desses negócios todos. A gente viveu momentos muito difíceis. Quando entrei para a Escola, eu não tinha consciência política. Entrei ali e comecei a acordar e ver: "Em que eu creio?" A coisa foi acontecendo e me vi na JUC. Falei: "Não estou na linha aí e vou me dedicar a isto. Dentro disto eu tenho militância, eu tenho minha fé católica".

**Keka Simões –** Por que você entrou para a Escola por volta de 1954?

**Kelé –** Entrei em 1960. E vi todos os acontecimentos dali, até culminar em 1964, 1965. Fiquei ligado ao teatro. Todo ano, outras peças... Curiosamente em 1970, já formado, fiz um mês de curso de extensão de teatro em um Festival de Inverno da UFMG[47]. Eu trabalhava em Saramenha[48] nessa época – antes de ir para a Universidade, para a Escola, eu trabalhei em empresa. Trabalhei em São Paulo dois, três meses... Aí falei: "Não, aqui eu estou longe de tudo com o que tenho ligação". Para você ver, emprego não era problema. Eu saí de lá, pedi uma licença não remunerada, e falei: "Olha, eu não sei se eu

[46] Movimento cristão que atendia, prioritariamente, jovens universitários. Sua metodologia envolvia ações práticas e discussões de cunho religioso, cultural e político.
[47] Universidade Federal de Minas Gerais.
[48] Bairro de Ouro Preto.

quero ficar aqui". E voltei. Fui a Acesita[49], tinha emprego; fui a Monlevade[50], tinha emprego. Aí o pessoal falou: "Por que você não vai a Saramenha?" É uma coisa curiosa: a gente tinha uma cultura de se formar e ir embora de Ouro Preto. E tinha outra coisa curiosa, típica: "Ah, não! Estou doido para me formar!" A gente delirava com Ouro Preto, mas não admitia! "É... puxa vida! Ouro Preto, Nossa Senhora! Agora, só no final do semestre e coisa e tal... Mas quando eu me formar, vou embora. Uma coisa eu falo: não me caso com nativa, não tomo café no Crispim – que era o *point* da época –, não vou dar aula na Escola, não trabalho em Saramenha e não compro Volkswagen!" Naquela época, todo mundo que começava a trabalhar comprava logo um Volkswagen. Eu só não comprei um Volkswagen! O resto, eu paguei língua em tudo! E se hoje me derem um Volkswagen sou capaz de recusar! [riso] Aí, casei-me com nativa, Vera, não é? Vera falou: "Bem feito, não é?" Vim trabalhar em Saramenha... Falei: "Uai, gente! É". Fui, arrumei, trabalhei. Estava onde eu queria. E trabalhei lá até 1971, quando fiquei sabendo que Joaquim Maia, professor catedrático da Mineração, estava sem assistente. Aí eu falei: "Ô gente!" Dentro da empresa, embaixo cabe todo mundo, como uma espécie de um funil, um cone que está ali. Mas à medida que você vai subindo de posição, não sobe todo mundo. Eu estava vendo que o pessoal de um certo nível ou mudava de empresa ou ia para a Bahia, para São Paulo. Falei: "Eu não quero ir para Aratu, na Bahia. Para Salvador, provavelmente não teria problema, mas Aratu...! Para São Paulo, nem pensar! Capital?!" Isso se realmente eu fosse, se o pessoal me mandasse para lá. Aí eu falei: "Olha, vou começar na Escola". Outra experiência de vida, dar aula. Eu nunca tinha dado aula. Fui lá, conversei com o professor Maia. Daí ele levou o nome... Na época não tinha o concurso, a livre-docência já não se fazia mais. Eu poderia fazer um exame de livre-docência, mas isso já estava suspenso. Meu nome foi levado à reunião de Departamento[51], o Departamento levou à Congregação e eu fiquei em tempo parcial. Eu entrei dia 10 de março de 1971. No final do ano, tirei férias em Saramenha e, junto com um colega, saí em excursão, em visita técnica, durante 15 dias, com a futura turma de Mineração, que ainda estava

[49] Empresa siderúrgica localizada em Acesita, município de Minas Gerais.
[50] João Monlevade, município de Minas Gerais.
[51] Departamento do curso de Mineração da Escola de Minas.

fazendo cadeira geológica. A gente chamava de cadeira. Fomos até quase o Uruguai – 15 dias fazendo geologia e visitando mina. Na volta, eu chamei o professor Maia para mostrar o que foi a excursão, a visita, os *slides*. Terminada a coisa, no outro dia ele me chamou lá: "Você não quer vir em tempo integral?" Eu falei: "Uai!" E fomos. Mas, e a questão do salário? "Ô, Maia! Olha quanto eu ganho lá, não é?" Casado, já com um filho... Aí eu falei que não dava. Ele falou, eu sei que ele falou: "Não. Vamos ajustar essa questão de salário. E depois, tem o seguinte: eu pego muito serviço. Então a gente trabalha na prestação de serviço". Eu falei: "É uma coisa que a gente submete à Congregação. É trabalho de pesquisa. A gente realiza uma pesquisa prática, aplicada a uma coisa prática". E ele falou: "Tem outro pequeno serviço na área profissionalizante para professor que não teve uma formação de professor, para que ele continue atuando na área dele. E depois ele vai fazendo um treinamento na prática e complementando com outros estudos, para realmente se adequar à atividade de professor. Então a gente ajeita". Eu falei: "Olha, vou correr o risco...". O pessoal falou: "Ah, você está louco! Você vai para a Escola...!" Mais uma vez, uma guinada na minha vida, não é? E sempre achei isto sensacional: quando pensava que estava tudo definido... Fiquei o ano de 1971 em tempo parcial, e já em 1972 em tempo integral. Eu me lembro... O Maia me jogou em uma fria, não é? "Vou acompanhar um ano e tal, vou pegando os macetes e tal". Quando cheguei lá, no primeiro dia, ele falou: "Estou entrando de férias. O professor que vai me substituir está aqui". Vocês imaginam o que eu pensei na hora! "Está aqui. Tal". Me apresentou. "Ah! Já nos conhecemos...". Eu falei: "Meu Deus!" "Não, você pode assumir a aula aí, não é?" Como eu tinha trabalhado em mineração, toda a vivência que tinha de pesquisa de bauxita, de preparação de jazidas... De várias jazidas em Poços de Caldas[52] eu tomava conta, fazia projetos; iniciei jazida, encerrei jazida. Eu tirei a última tonelada da bauxita do Morro do Cruzeiro[53], antes de ter toda aquela parte urbana. Naquela época, ali não tinha nem ligação para sair na Pandiá Calógeras[54], não é? Então eu usei daquilo e enrolei a aula. Na aula seguinte, no outro dia, ele já não foi mais. Aí é que eu fui saber direito o que

[52] Município de Minas Gerais.
[53] Localizado em Ouro Preto.
[54] Nome de uma rua de Ouro Preto.

era o programa – a parte de desenvolvimento, a preparação para a lavra, a lavra subterrânea, lavra a céu aberto ou convencional, e depois os métodos especiais. Apesar de o programa prever mais coisas, não dava... Hoje, o que existe em cinco, seis, sete disciplinas, a gente dava em um ano. Eram oito aulas semanais, entre teóricas e práticas. Na quinta e na sexta-feira era lavra de minas, então... Aí eu fiquei [riso] na Escola.

**Keka Simões –** É interessante o fato de você ter estas duas experiências: a experiência prática de trabalhar em uma empresa e a experiência da aula, não é? Você já falou a respeito de algumas coisas que eu gostaria de explorar mais um pouquinho. O que é uma jazida? O que é uma mina? O que é iniciar uma mina, encerrar uma mina?

**Kelé –** Olha, a mineração... Normalmente, quando se fala mineração, você já pensa imediatamente em um método de lavra aplicado ali, um trabalho. Mas a mineração compreende algumas fases, algumas etapas. O que é a primeira etapa da mineração? É o que a gente chama de prospecção. O que é prospecção? É mais o trabalho do geólogo. Ou ele tem notícia da ocorrência de uma área quente para alguma coisa, uma anomalia geológica, com possibilidades de existência de algum bem mineral; ou então, como hoje, com os modernos métodos, o pessoal dos satélites sabe o que tem em cada metro, e quando a gente tem acesso... Lá fora[55] eles têm acesso a isso tudo, não é? Claro! Mas com os métodos modernos, você separa áreas-alvo, aonde o geólogo vai. Aí sim, ele faz o trabalho de campo. Ele pode descobrir um determinado mineral que, se existir em quantidade que proporcione a implantação de um procedimento de extração, de lavra, aquilo que inicialmente era apenas uma ocorrência... Se há interesse econômico, é jazida; se não há interesse, se não comporta a implantação de um empreendimento de extração subterrânea ou a céu aberto, então é apenas uma ocorrência, uma curiosidade. Por exemplo, aqui na região do Dom Bosco tem o Morro do Bule[56] – uma região altamente mineralizada, com pequenas ocorrências de uma variação [inaudível] muito grande. O Djalma Guimarães[57] desenvolveu muitos estudos nessa região. A gente tem curiosidades ali, mas nenhuma jazida, a não ser a

[55] Refere-se a outros países, detentores de recursos tecnológicos mais avançados.
[56] Região próxima a Ouro Preto, rica em carbonatos sedimentados.
[57] Engenheiro civil e de minas, cujo nome foi emprestado a uma fundação de desenvolvimento social.

jazida do topázio imperial, que ocorre próximo e que é outra coisa, não é? A gente fala jazida, mas nem todas foram estudadas, porque medir gemas é um negócio complicado. Mas vamos voltar às etapas, senão a gente se perde. Então você tem notícia de ocorrência, como a gente tinha: "Ah, uma ocorrência de material bauxítico...". A gente ia lá, amostrava, trazia, e pelos resultados... "Ah! Quanto tem de alumínio?" Estou falando de um caso específico que a gente vivenciou bastante: o caso de Saramenha, à época Alumínios Minas Gerais, do grupo ALCAN[58]. Então: "Olha, tem. Tem material bauxítico". A gente fazia uns estudos, abertura de poços, cisternas – o pessoal chama de sarilho, esses resquícios de minerações antigas, não é? Ali amostrava: amostra de meio em meio metro, uns tantos poços, se desse um resultado, não é? Então a questão era a seguinte: ver, no Departamento Nacional de Produção Mineral, se a área legalmente estava livre ou não. A gente tinha lá o cadastro... "A área está livre." "Então vamos demarcar uma poligonal aqui e vamos requerer esta área para pesquisa". A gente fez muito requerimento de área para pesquisa, baseado em um conhecimento geológico superficial, porque... Aí vem a segunda etapa da mineração: uma vez encontrada uma ocorrência geológica, a gente tem a parte de exploração. Exploração, para nós, tecnicamente, não é lavra, mas é estudo. A prospecção e a exploração constituem a pesquisa mineral. A gente parte da ocorrência geológica e chega à conclusão: "Tem interesse econômico, comporta empreendimento na área. Pode transformar-se em mina". Ou: "Não tem interesse" – é apenas uma ocorrência, a pesquisa chegou ao final. O resultado positivo quanto à ocorrência... E positivo também quanto à não ocorrência, porque uma pesquisa sempre leva a alguma coisa... "Ah, a pesquisa não deu em nada!" Deu sim, uai! Deu sim: chegamos à conclusão de que não é uma jazida. É um resultado positivo. Então... [risos]

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO][59]

**Kelé –** Passada essa fase da prospecção, encontrou-se uma anomalia ali: "Ah! Tem uma ocorrência". Estudamos a ocorrência, chegamos à conclusão de que existe o mínimo de toneladas que comporta um empreendimento. Aí sim, aquilo que era uma ocorrência é jazida, e a gente vai justamente passar à fase

[58] A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

[59] Intervenção do operador de câmera para reposicionar o entrevistado.

seguinte: a preparação dessa reserva já medida, digamos assim, essa reserva que foi constatada. Preparação para a extração, para a lavra em si. Aquela jazida, então, pode se tornar uma mina. Mina é uma jazida em lavra, seja a céu aberto, seja subterrânea. A céu aberto usam-se procedimentos convencionais: em bancadas, seja em flancos, seja em cava[60]. Ou então nas lavras especiais a céu aberto, como a lavra de enxofre, embora ele esteja lá no... Lavra de petróleo é lavra a céu aberto especial. Por quê? O homem opera o equipamento da superfície; ele não desce lá. Essa é a diferença. "Oh! Mas o petróleo está lá embaixo, a não sei quantos... 500, 600, mil metros, um quilômetro, dois quilômetros de profundidade, sei lá quantos metros de profundidade. Como é que é a céu aberto?" Isso é uma questão que se convencionou: se os equipamentos são operados da superfície, então é uma lavra especial a céu aberto.

**Keka Simões –** Essa mina que o senhor falou... Mina em cava e em...

**Kelé –** Flanco. Flanco é uma montanha. Você olha assim uma montanha e está aquela escadaria, não é? É a mineração a céu aberto convencional. Em Itabira[61] mesmo, quando fiz estágio como estudante, eu estava no pico, lá em cima. Hoje, se eu fosse lá, estaria embaixo, na cava. Eu me lembro do Chico Verde[62], vibrador da questão ambiental... Quando ele chegou aqui, logo no início, eu falava: "Ah, Chico! Vamos lá!" "Ô, mas não é possível! A mineração detona e coisa". Eu falei: "Calma Chico! O negócio não é bem assim". Aí nós fomos a Itabira: "Olha, Chico, o pepino aqui. Reabilitar isso aqui realmente...". Mas tem o seguinte: a mineração é um negócio que existe durante um certo tempo. Eu costumo, às vezes, fazer uma comparação. Por exemplo, eu leio e se eu entrar em uma sala de cirurgia e vir um camarada todo aberto, claro que ele vai ser um impacto para mim. O médico está lá, trabalhando tranqüilamente, mas eu falo: "Meu Deus! Que agressão!" Daqui a um mês, dois meses, o sujeito está aí na rua. Quanto mais perfeita tiver sido a operação, menos sinal ela vai deixar. Então, estabelecendo um paralelo com a mineração: eu tenho que abrir aquilo temporariamente, mas com o tempo... O projeto, quando bem elaborado, tem a prospecção, a exploração... Recordando

[60] Corte no solo, de onde se retira o minério.
[61] Município de Minas Gerais.
[62] Cognome de José Francisco do Prado Filho, entrevistado pelo Vale Registrar.

e reconstituindo: a pesquisa, o desenvolvimento, a preparação para a lavra, extração, a lavra – a extração do bem mineral. Aí vem a quinta fase: a reabilitação do espaço. Todo plano de lavra, tecnicamente bem feito, tem que contemplar esta parte da reabilitação. O que é esta reabilitação? É retornar, tanto quanto possível, dentro do limite econômico da lavra, aquela parte lavrada; é inserir aquela parte lavrada no meio ambiente dominante, com flora e fauna. Em um trabalho que fiz, eu digo que o ideal da mineração está consubstanciado em um paradoxo: a perfeição pela não percepção. O que é isso? Se eu chego a um lugar – não sei que houve uma mina – mas não percebo que onde antes tinha uma montanha de minério tem uma casa, e onde não tinha montanha tem uma montanha que segue, digamos assim, a plástica da região... Você tem uma harmonia de linhas, percebe? É ouvir, se é que a gente pode chamar assim, a movimentação, a topografia, o que ela está nos dizendo. Outra coisa: tanto quanto possível evitar, na reabilitação ambiental, a utilização de essências exóticas, quer dizer, de fora da região. Então, a partir do momento em que consigo isso, o ideal é este: a perfeição pela não percepção. Mas esse é um ideal que a gente tenta aproximar; deve ser um rumo, um cruzeiro, um norte, uma referência. Aí a gente já adiantou, falando da quinta e última fase da mineração. Para mim, ela é tão importante... E outra coisa: se bem planejado o plano de lavra, principalmente a céu aberto, à medida que você vai executando a lavra, aquela parte lavrada já vai sendo reabilitada. Você não tem que terminar a lavra para dizer: “Agora vamos reabilitar”. Ninguém faz isso, ninguém consegue mais, não existe dinheiro para isso. Se você fizer, será da ordem de 3, 4 ou 5%... Bom, na época em que eu estava na ativa era isto, e provavelmente deve ser: a reabilitação está inserida no custo de produção de uma tonelada. Então, todo plano bem feito... Quando se acusa a mineração, é lavra predatória, é lavra ambiciosa, é lavra feita ao arrepio da boa técnica e das exigências legais e ambientais; então não existe um plano de lavra para você chamar de mineração. Ela tem que contemplar essas etapas todas e, principalmente, a questão ambiental. Felizmente, agora essa questão está mais na ordem do dia. Os próprios contratos estrangeiros muitas vezes condicionam: “O que vocês vão fazer depois, no *day after* da mineração? Bateu a porta, acabou, vai embora, e como fica aquele embarramento do rejeito? E a pilha do estéril, como fica? E aquele buraco, o

que vocês vão fazer com aquilo?" Então isso tudo, essa entrega... O *day after* da mineração envolve inclusive a parte social: "E o pessoal que viveu ali no entorno?" É a questão da Mina de Capanema[63], da Serra Geral[64] – durante muito tempo, toda a comunidade do entorno foi preparada para ver o que ela ia fazer. O pessoal vai embora ou vai ficar lá e tal? Eu lembro que participei de algumas reuniões com o pessoal, e eles estavam tratando de arranjar uma alternativa para o pessoal não abandonar, não ter que sair da região onde morava. Então, a mineração tem que prever isso tudo, inclusive a parte de moradia, a questão de você fazer uma vila, não é? É um negócio muito complicado! Aqui em Saramenha... A gente viu isso na Samarco[65], no início. Cria uma espécie de... O pessoal da mineração tinha casa, percebe? Vivia lá, o sujeito morava lá, trabalhava aqui no escritório; depois tinha o encarregado, depois tinha o chefe dele, aquele negócio todo. E as melhores casas... Dava uma fofoca muito grande, gerava uma situação desagradável, uma saia justa no pessoal: "Ah, Fulano foi promovido!" Nem todo mundo pode ser promovido, e aí já causava mal estar. A mulher: "Ah! Fulano foi lá, está com uma casa muito boa, não é?" A mulher já ficava toda entusiasmada, agora esta... Pôxa vida! Modernamente, procura-se evitar essa coisa e inserir o pessoal no meio, na comunidade da cidade próxima. A menos que seja como Carajás[66], que tiveram que construir, porque estava no meio da selva. Mas a mineração tem que se preocupar com todos esses aspectos e tem que se ocupar de todos eles – não basta se preocupar e não se ocupar. O que antes era o engenheiro de minas, o sujeito que executava estudo... Hoje a mineração é uma coisa muito interdisciplinar: tem o geólogo; tem o engenheiro de minas – que fica ali como um maestro, coordenando várias equipes; tem o engenheiro civil para as obras de arte, para aquelas obras de engenharia que, com o vulto da mineração hoje... Tem o engenheiro mecânico para cuidar dos caminhões... Caminhão de hoje tem 240 toneladas, por exemplo. Antigamente tinha 10, 12 toneladas, 15 toneladas: "Oh! Vai vir caminhão de 20. Meu Deus do céu!" Hoje![67] Eu confesso que trabalhei, inicialmente, um pouco na parte de

[63] Mineração de minério de ferro localizada em Itabirito, município de Minas Gerais.
[64] Mineração Serra Geral S/A, localizada no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.
[65] Samarco Mineração S/A, localizada em Mariana.
[66] Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Pará.
[67] O entrevistado ri espantado.

metalurgia, metalurgia extrativa – uma parte da Metalurgia que se confunde um pouco com a Química, não é? Trabalhei na parte de alumina, lá na CBA[68], Grupo Votorantim[69]. Depois, aqui em Saramenha, fui para a manutenção mecânica. Sempre os desafios. "Ah, não! Tem vaga aqui é para auxiliar imediato de manutenção mecânica". Eu falei: "Uai! Eu não sou engenheiro mecânico!" Eu lembro que Doutor Marcel[70] me falou: "Você não acha uma boa oportunidade para aprender alguma coisa da Mecânica?" E eu falei: "Uai! É!" E trabalhei um ano, até ir para a parte que eu queria, a parte de mineração, abrangendo pesquisa de bauxita e extração.

**Keka Simões –** Aqui na região, quais são os tipos de minério encontrados e para que eles servem? Em que o minério está na nossa vida?

**Kelé –** Olha, predominantemente, é o minério de ferro, hoje. Já tivemos pequenas ocorrências de bauxita. Essas estão esgotadas no Morro do Cruzeiro, onde está o *campus*[71], e naquela vila, a Bauxita[72], a famosa "Boxita", como o pessoal falava. Os primeiros moradores que foram para lá, por causa da terra vermelha, eram chamados de "pés de pomba". Eles ficavam danados da vida! "Ah! Pés de pomba!" [riso] Mas isso são fatos curiosos. Então, tinha aqui na Bauxita, tinha em Antônio Pereira[73], tinha na Brígida[74], na nascente do Rio das Velhas. Essas pequenas ocorrências de bauxita deram origem à indústria de alumínio, em Ouro Preto. Depois, com o conhecimento sobre a região, jazidas mais afastadas foram sendo descobertas. Tinha toda uma lavra da bauxita aqui, desde a Mutuca[75], que era terreno da Magnesita[76]; pagavam-se *royalties*. Tinha a bauxita de Poços de Caldas, cuja gênese é bem diferente da gênese... Gênese quer dizer origem, como foi formada, como foi gerada a jazida. Era uma bauxita muito boa, mas ficava muito longe, o transporte era caro. Mas a gente a trazia para misturar e fazer a blendagem[77] e atingir a

[68] Companhia Brasileira de Alumínio.
[69] Conglomerado privado da América Latina que atua nas áreas de agroindústria, celulose e papel, cimento, energia, finanças, metalurgia e química.
[70] O entrevistado não mencionou o nome completo.
[71] O *campus* da Universidade Federal de Ouro Preto.
[72] Bairro de Ouro Preto.
[73] Distrito de Ouro Preto.
[74] Serra da Brígida, em Ouro Preto.
[75] Mina da Mutuca, localizada em Nova Lima.
[76] Magnesita S/A, empresa que fabrica refratários.
[77] Etapa do processo de tratamento de minério em que ocorre a incorporação das características de diversos tipos de minério a fim de adquirir características específicas.

média de que a fábrica necessitava. Então a bauxita hoje já não... Pelo menos a conhecida... A menos que tenha alguma aí, e acontece muito isso. Às vezes, o sujeito está passando e fala: "Ô, gente! Há uma bauxita aqui, oh!" Mas é pouco provável ter aqui por perto. O minério de ferro está aí na ordem do dia, estão aí as minas, e agora tudo Vale[78], não é? Há uma coisa curiosa sobre esta mina que está entrando agora, este grande projeto da Vale ali perto de Bento Rodrigues[79]. Na época em que ali era a principal jazida de bauxita de Saramenha, a gente foi fazer um poço artesiano, porque a gente ia mecanizar a jazida para extrair. Lá havia seis milhões de toneladas, algo dessa ordem. Para fazer o poço artesiano, a gente furou e atravessou uma camada de cinco ou seis metros de material bauxítico. Aí deu no minério de ferro friável, que está lá, a 100 metros, 120, 130, 160 metros. Tinha um professor aqui na Escola, o Zeferino[80]... Essa parte de águas era com ele, e nós até o chamávamos de HidroZeferino. A gente falava: "Professor Haroldo, olha lá a coisa! Só dá minério de ferro, ainda mais que está friável." Olhando, ele falou: "Ah! Vamos mudar". Mudamos. Mesma coisa: na ordem de 160 a 180 metros, só minério de ferro. Ele falou: "Uai, que diabo! Aqui tem é uma jazida de minério de ferro, uai!" Uma jazida ocorrência, quer dizer, na época não tinha sido medida uma ocorrência de ferro. Eu lembro que levei isso ao conhecimento do meu chefe imediato: "Oh! Tem lá! A gente achou isto". Ele falou: "Não. Mas a preocupação nossa é mesmo com a bauxita". Aí a coisa ficou e hoje está sendo a grande reserva. Eu lembro que...

**Keka Simões –** É a Mina da Fábrica[81]?

**Kelé –** É, é esse grande projeto que está sendo implantado. Parte dela estava ali, debaixo da bauxita. Aí, a gente pegou quase um contato, depois com a formação... Não vou falar nome complicado, não; mas a gente já tinha notícia. Um menino, filho do Sabiá[82]... Sabiá era o cozinheiro nosso lá, um sujeito supersticioso, não é? Quando estava fazendo a reavaliação da jazida do Morro

[78] Companhia Vale do Rio Doce.
[79] Distrito de Mariana.
[80] Haroldo Zeferino Silva, engenheiro civil e de minas, professor na área de Hidrogeologia de regiões minerais.
[81] Mineração de minério de ferro pertencente à Companhia Vale do Rio Doce. Localizada no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.
[82] O entrevistado não mencionou o nome.

do Fraga[83], à noite a gente dormia lá e sempre falava: "Ô, Sabiá!" Havia por perto umas ruínas de uma igreja... "Ah! Lá é assombrado, não é?" "Mas que bobagem! A gente não precisa ir lá para ver assombração, não! A gente traz a assombração aqui." Ele ficava em pânico! Quando a gente fez esse poço artesiano, arrumamos para um menino pequeno dele um biscatezinho – fazer umas anotações – e ele fez tudo. Em 2001, eu fui a uma reunião em Capanema e ele estava lá: "Ô, Kelé!" Eu falei: "Meu Deus do céu!" "Eu sou filho do Zé Sabiá e também fiquei com o apelido de Sabiá. Você lembra que eu anotava aqueles negócios e vocês me davam um troco lá?" Aí eu me encontrei com ele. "Diabo, sô! A gente já tinha achado aquele minério de ferro lá, hein?" Eu falei: "Pois é, mas eles ainda nem imaginavam...". No máximo, uma ocorrência que talvez tivesse merecido uma melhor atenção.

**Keka Simões –** O minério de ferro é transformado em quê? Para o leigo, como o minério de ferro está presente na nossa vida?

**Kelé –** Olha, o minério de ferro está lá sob a forma de óxido, é a forma mais... Há vários tipos, mas não vamos entrar em muito detalhe. Na natureza, ele está na forma estável. Ao ser extraído e beneficiado, ele vai para uma usina siderúrgica, onde se faz o ferro-gusa que é o óxido de ferro mais um percentual de carbono. Depois de tratado também, desse ferro-gusa é fabricado o aço. E esse aço depois é empregado aí. Se o aço comum, que é o que a gente vê por aí, não tiver um tratamento especial, se não tiver uma liga especial, ele se oxida: é a ferrugem, é o fenômeno da corrosão. O que é isso? É o bem mineral voltando à sua forma mais estável, que é o óxido. Ele fecha o ciclo. Coisa análoga a gente vê também na cal. O pessoal antigo fazia construção e usava cal e areia – hoje a gente usa cimento –; construía e deixava curar. Vamos trocar isso em miúdo. Nós temos o carbonato de cálcio; a gente extrai e ele é calcinado em forno especial. Então ele é levado a óxido, esse óxido é hidratado, vira essa cal comum, essa cal extinta e tal. Essa cal, em contato com o ar, com o gás carbônico, fica dura, volta a carbonato. Fechou o ciclo, que é a forma estável. O pessoal antigo usava isso. Quando eu mexi na casa há pouco tempo, fiz uma série de experiências aqui. Eu ainda tenho as caixas. Eu comprei a cal virgem e extingui; deixei descansar, como dizia o pessoal

[83] Jazida de bauxita localizada no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais.

antigo, em uma lâmina de água protegendo para não carbonatar, e depois fiz com areia vários traços aqui dentro de casa. E eu lembro que o pedreiro, acostumado... “Deixa a gente pôr só uma pitadinha de cimento?” Eu falei: “Não, acaba com...”. O nome dele era Tical[84]. Coincidência: cal com Tical. Muito bons de serviço ele e o filho dele. “Não, aqui é só experiência. Eu faço na minha casa; se der errado, não tem problema”. Mas fizemos e está aí; a gente está observando. Então, todo minério que a gente extrai é submetido a um processamento para adequá-lo a uma utilização – o ferro na utilização de aço, aço comum. O aço especial, por exemplo, o aço cromo, não enferruja porque as partículas de composição de ferro que entram na sua estrutura – dextalina do aço – não estão em contato com o ar. E o cromo é um elemento transparente, a gente não vê; dá aquela película, mas isola e qualquer um outro... É por isso que a gente pinta também o aço com zarcão, justamente para evitar o contato; senão a gente tem a oxidação, a corrosão. Aí dá efeito de pilha, aí tem todo o negócio... Vocês vêem, aqui em Ouro Preto, a ação da corrosão nos monumentos que têm grades de ferro. O que é aquilo? Às vezes, você olha um peitoril, na Igreja do Antônio Dias[85]... A gente passando assim na rua... A pedra está partida de fora a fora, em um fenômeno de acunhamento. Por quê? É um aço, ferro batido também, que oxidou e nessa oxidação se faz um aumento de volume – dá o efeito de uma cunha, dá uma reação ali, aquilo aumenta de volume cinco ou seis vezes; às vezes até 10 vezes. Isso detona. Ao longo daqueles furos... Quando a gente trata de cantaria... A pessoa que vai trabalhar com cantaria tem que saber a respeito desse fenômeno de corrosão, da parte metálica e da utilização. Quando ela for fixar uma peça na outra através de uma peça metálica, deve usar um aço especial para evitar justamente a ferrugem, a oxidação, a corrosão. Então a bauxita, o ferro... Nós temos aqui também o topázio imperial. O topázio imperial, com essa qualidade, difere do topázio comum chamado topázio azul, da região de Governador[86], de Teófilo Otoni[87] e de outros lugares. Ele difere porque tem uma característica própria, em função dos elementos químicos – flúor etc – que dão uma característica e essa qualidade. No mundo, se conhece um topázio parecido

[84] O entrevistado não mencionou o nome.
[85] Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Antônio Dias, bairro de Ouro Preto.
[86] Governador Valadares, município de Minas Gerais.
[87] Município de Minas Gerais.

nos Urais, na Rússia. No México, eu vi lá na... É um topázio que a gente chamaria de topázio imperial pela semelhança, não pela qualidade... E olha que eu fui lá em museus, na cidade de Querétaro. Quando estive lá, em 1978, pedi para me mostrarem o que eles tinham de melhor. E o que eles me mostraram não chegava aos pés do topázio aqui da região! Então, as lojas vendem uma infinidade de tipos de gemas. A gente nem fala mais pedra preciosa. Tecnicamente, o certo é falar gemas. Vamos abrir aqui um parêntese: pedra preciosa tem uma conotação da época em que se procurava diminuir o valor das nossas gemas, sabe? Então, por exemplo, esmeralda: "Ah! Esmeralda é a colombiana, é a indiana, é não sei o quê". Então: "Ah, não! Do Brasil, não é esmeralda!" Com isso eles compravam a nossa esmeralda, lapidavam lá fora e vendiam como indiana, como colombiana. Resumindo: compravam barato e vendiam caro. Tem aí a mesma coisa com o córidon, o rubi, a safira etc etc... Aqui na região nós temos: o topázio e o euclásio. O resto, as outras pedras... Tem quartzo, quartzo fumê, e algumas outras coisas, mas significativamente só essas duas. O resto vem de fora, notadamente da província termatítica oriental, abrangendo Governador Valadares, Teófilo Otoni e Araçuaí[88] etc... Sul da Bahia.

**[DVD B]**

**Kelé –** Eu estava falando dos bens minerais, não é? Significativamente, são esses os de ocorrência aqui na região. Não sei se a gente chamaria de minério, mas na parte de rochas industriais a gente tem o quartzito. Por exemplo: Ouro Preto é também uma obra de cantaria. No entanto, você fala cantaria e pouca gente sabe. Mas você vê, em todo lugar tem um portal, tem uma ombreira, tem uma verga, um peitoril, um batente e os chafarizes. Aí está a cantaria e pouca gente realmente sabe. E, por questão de justiça, cabe citar Mestre Juca[89] – Seu Juca, para nós. Em 1997, indo a FAOP[90], eu tinha aposentado e falei: "Gente, e agora? Vou fazer uma porção de coisas que eu nunca tive tempo para fazer e nem sei se eu sei". Estavam lá tendo noções de pintura. Aí cometi o crime de agredir tela, mas estava lá e falei: "Ah! Tudo bem". Um dia, eu desci

[88] Município de Minas Gerais.
[89] José Raimundo Pereira, o Mestre Juca, trabalhou com cantaria em Ouro Preto e região. Faleceu em 2006, aos 83 anos.
[90] Fundação de Arte de Ouro Preto.

e estava o Seu Juca, no Antônio Dias[91], trabalhando. Eu já o conhecia: “Estou fazendo aí...”. Estavam o Uziel[92] e o Armando Wood[93] com quem mantive contato e falei: “Uai, gente! Eu vou tentar isso”. E gostei, sabe? Aquele negócio de paixão! Peguei e fiz uma peça. E essa peça está aqui na minha sala. Foi a primeira peça com ponteiro, marretinha, maceta, picão, talhadeira. E ali eu defini... Eu a guardo como a primeira moedinha do Tio Patinhas[94], não é? A primeirona! Então, Seu Juca, que trabalha esses quartzitos... O quartzito é um bem mineral na vertente de rochas ornamentais ou rochas industriais. Para o trabalho de cantaria, não é esse quartzito que a gente usa assim para o piso; esse aqui não se presta muito para trabalhar, pela sua própria estrutura mineralógica. Mas aí tem um negócio complicado e não vamos entrar muito em detalhes. Mas o quartzito, notadamente das encostas do Itacolomi[95] e em Bico de Pedra[96], tem uma distribuição assistemática dos componentes mineralógicos, o que permite que você trabalhe fazendo esculturas. Os outros já têm uma orientação que você bate assim e ele destaca em planos; são bem mais duros, resistentes, quer dizer, a tenacidade... Entram aí as propriedades físicas, não é? Então, esse outro, lá da Serra do Itatiaia[97] também, é bem mais resistente. Trabalhar a habilidade dele é bem mais complicado, mas se presta à obra de mais responsabilidade. Outros, com granulometria mais fina, com uma textura mais fina, se prestam a trabalhos mais refinados. E aí a própria experiência... É também um bem mineral e já foi bastante utilizado. Uma coisa curiosa e que muita gente fala – isso é uma questão que eu ainda me proponho – é como explicar... Muita gente fala que mineração é um impacto. Olha quanto quartzito foi usado em Ouro Preto! Será que ele saiu todo da encosta do Itacolomi? Nós devíamos ter então uma lixeira de pedra assim[98], que não foi aproveitada, e marca... Você quase não vê atualmente as marcas de onde foi retirado o quartzito por aquele processo antigo de abrir uma coisa, depois botar uma cunha, depois substituir, até rachar a pedra, a linha da pedra, como o

[91] Bairro onde se localiza o Núcleo de Artes da FAOP.
[92] Uziel Kutler Rozenwajn é pintor, desenhista e arquiteto do Rio Grande do Norte. Reside em Ouro Preto.
[93] Armando Maia Wood é professor da Universidade Federal de Ouro Preto.
[94] Personagem de história em quadrinhos que possuía uma moedinha como símbolo da sorte.
[95] Pico do Itacolomi, nas proximidades de Ouro Preto.
[96] Jazida situada na borda sul da região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, onde se localizam vários corpos maciços de sulfeto, portadores de ouro.
[97] Serra próxima a Ouro Branco.
[98] O entrevistado indica com gestos o tamanho aproximado.

pessoal chama. Então, em uma época em que não existia preocupação ambiental, foi feita uma mineração em alta escala aqui na região e hoje a gente nem percebe. Não dá o que pensar? Espera aí: o impacto da mineração! Uai! Que impacto? A gente olha para o Itacolomi, quer dizer, a natureza... Sei lá! Eu ainda não tenho uma explicação. Será que o pessoal aposentou aquilo tudo? Sei lá!

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO][99]

**Keka Simões –** A partir desse seu questionamento a respeito do impacto da mineração, quais são os pontos positivos e negativos – porque o impacto também pode ser positivo – para a cidade?

**Kelé –** Tem, tem! Olha, na mineração... Falando em um sentido amplo, em várias partes do mundo, depois de lavrado o local da mina, com o que se fez às vezes ficou até uma região melhor aproveitada, seja para agricultura, seja em termos urbanos. Às vezes, era um pântano, uma região pantanosa, muito insalubre. Existem exemplos disso. A mineração pode causar um impacto positivo. O impacto que ela causa é sempre positivo, porque dela sai um bem mineral. Agora, o que a gente tem é aquela questão da cirurgia que eu falei. Você não pode abrir... Tirou o tumor e fez a correção que tinha que fazer; não pode deixar aberto e ir embora, você tem que fechar. É a parte de todo projeto bem feito, assim como toda cirurgia bem programada inclui fechar e deixar o mínimo de marca. Dependendo do local em que você fizer a cirurgia e os cirurgiões... Como fala? Os plásticos[100] devem... Então é uma mineração bem feita [riso] no corpo da pessoa. A mesma coisa a gente deve contemplar na atuação do homem em relação à extração, à obtenção do bem mineral. Tecnicamente, essa parte é uma imposição de todo projeto bem elaborado. Mas isso era sempre relegado: o pessoal fazia uma ponta de aterro ali e punha o aterro próximo ao córrego; dava uma enchente que levava... Aí a gente tinha mais área, não importava se estivesse assoreado. Naquela época, as minas eram pequenas. Hoje em dia, se você fizer isso... Bom, o resultado das enchentes a gente está vendo aí: assoreamento seja por erosão, seja por questão das *big* pilhas; barramentos[101], aquela questão que provocou o

[99] Interrupção do produtor para reposicionar o entrevistado.
[100] Cirurgiões plásticos.
[101] Espécie de barragem para depósito de materiais usados na mineração.

acidente há pouco tempo, próximo a Belo Horizonte, na Mineração Serra Verde...

**Keka Simões –** Rio Verde[102]?

**Kelé –** Rio Verde, é. Essas coisas, esses barramentos têm que ser muito bem monitorados, para se evitar desastre como aquele. Não só do ponto de vista humano, de mortes de pessoas, mas também do ponto de vista da questão ambiental, porque para recuperar aquilo depois é complicado em termos de água. Água agora está na ordem do dia. Mas a preocupação já vem desde algum tempo e deveria ter vindo há mais tempo ainda porque... Olha, vamos situar. Quadrilátero Ferrífero: os projetos de mineração de ferro estão em andamento ou em fase de exaustão, porque começaram nos idos dos anos 1940, às vezes antes. Carajás não! Já nasceu sob a égide de uma orientação, de uma abordagem moderna. Então, essa questão ambiental aqui já é... A gente vai a Carajás e não vê uma porção de pepinos que têm hoje na mineração do Quadrilátero, porque a mina... Não foi previsto, não é? Bom, e agora, o que se faz? Aí entra todo o pessoal especializado na questão ambiental: o engenheiro florestal, o engenheiro não sei o quê, para realmente tentar minorar, pelo menos, o impacto causado pela mineração. E apesar desses aspectos negativos, há uma coisa: a gente não vive sem a mineração, não! Mesmo se a gente resolvesse... "Não uso mais nada! Vamos voltar para a caverna...". Não ia ter caverna para todo mundo. E depois o seguinte. Eu já vi muita gente falando: "Não. Não vamos tratar dessa questão do impacto ambiental com essa paixão, com esse radicalismo, sabe? Não vamos ser assim xiita[103], vamos a um...". É um problema passível de ser resolvido. Eu não posso estar aqui metendo o pau na mineração e usando relógio e pegando meu carro e indo gastar petróleo – isso deve causar um impacto: monóxido aí etc etc... Mas, meu Deus do céu! Como conviver com isso e, no máximo que a gente conseguir, sem agressões ao meio ambiente, porque agressão ao meio ambiente é uma agressão a nós mesmos. Então, essa questão ambiental na mineração... Uma estrada de rodagem causa muito mais impacto do que uma

[102] Refere-se ao rompimento de uma barragem de rejeitos pertencente à Mineradora Rio Verde, em São Sebastião das Águas Claras, distrito de Nova Lima.

[103] Originalmente, xiita é o seguidor de um dos grupos nos quais se dividiu o Islamismo após a morte de seu fundador, Maomé. Costuma desenvolver uma religiosidade mais radical do que os outros grupos, procurando seguir à risca as ordens do Corão (livro sagrado do Islamismo). O termo foi aqui empregado em alusão ao seu radicalismo.

mineração, porque a estrada é permanente. Se ela corta uma reserva florestal, digamos, ela partiu aquilo em dois. A mineração, não; ela vai durar... Eu vi a mineração de Serra Geral começando, a mineração de Águas Claras começando, e agora está encerrando. Quer dizer, no ciclo de uma vida, em poucos anos, início, meio e fim. Daqui a um tempo, assim como aconteceu com a extração do quartzito nas encostas de Ouro Preto, aonde a gente chega e pergunta onde estava aquilo, de onde foi tirado... E assim mesmo, às vezes, o pessoal continua indo lá, apesar do Parque do Itacolomi estar preservando isso. Mas muita coisa foi detonada e a gente vê pouquíssima marca. Ali foi uma cirurgia muito bem feita [riso], mas eu não sei se... Esta é uma questão que eu ainda não consegui explicar, ando pensando nisso aí.

**Keka Simões –** O senhor estudou na Escola de Minas e foi professor da Escola de Minas. Qual é a importância da Escola de Minas para a mineração, no Brasil?

**Kelé –** Bom, ela foi uma escola pioneira. Aquele projeto dos inconfidentes traduzido em realidade... Dom Pedro[104] chamou Gorceix[105], da França, para criar aqui uma escola. Gorceix veio e escolheu: bom, onde tem potencial... Gorceix foi quem enxergou. Talvez ele nem tivesse idéia da magnitude do que seria o Quadrilátero Ferrífero, mas teve visão suficiente para dizer: "Oh, o negócio é aqui!" Então, ele achou que Ouro Preto era uma cidade que estava caminhando para deixar de ser capital, mas com condições de receber gente de fora para ter aqui uma condição de vida. Daí em diante, tem toda a história da Escola – passou por seus altos e baixos, suas dificuldades. Aí veio a questão da Universidade, uma coisa nova que já vai ter a sua história, daqui a um tempo. Daqui a um tempo estará fazendo 100 anos. Quer dizer, se completou todo um conjunto que, agora sim... Eu só acho o seguinte, e isto é uma observação minha. Cada unidade deveria manter um pouco mais a sua identidade: a Escola de Farmácia com seus 166 anos, a Escola de Minas com seus 129, quase 130 anos. E ter uma autonomia maior, porque, na minha visão, no meu modo de ver as coisas... Eu entrei na Escola quando não tinha Universidade. As Escolas eram autônomas, resolviam-se problemas muito mais facilmente. Hoje em dia, na minha opinião, o reitor é o diretor de todas as

[104] Imperador Dom Pedro II.
[105] Claude-Henri Gorceix foi o fundador da Escola de Minas de Ouro Preto.

unidades. É um problema! Enterra a pessoa! Eu não sei como ele dá conta! Retirou-se muita atribuição do diretor, do âmbito das Escolas. Eu daria mais autonomia, delegaria mais, e cobraria, como reitor. A Escola de Farmácia tem a sua história, a sua personalidade, o seu modo de ser. A Escola de Minas também. Não vamos descaracterizar isso e vamos assegurar às novas unidades que criem sua identidade. É a minha observação, de quem viveu a situação de Escola autônoma, inicialmente ligada à Universidade do Brasil, mas aqui ela estava autônoma, a gente resolvia tudo. A Universidade foi criada e, durante um certo tempo, ficou no papel. Tinha reitoria, mas se resolvia tudo no âmbito das unidades. Dificilmente subia um problema para a reitoria. Era uma Universidade criada pró-forma e vinda de cima, por uma imposição. Por exemplo, na época, Itajubá[106] resistiu e ficou Escola autônoma. Hoje em dia, já é Universidade, mas o próprio ambiente de lá é que chegou à conclusão: "Não. É hora da gente se transformar". Aqui o pessoal: "Ah! É imposição. Então está criada a Universidade". E ficou muito tempo assim. Ela foi criada em 1969, não é? E foi praticamente com a vinda do Fagundes[107] que teve toda uma revolução de implantação dos cursos básicos e todo esse negócio que é muito dolorido, é muito sofrido: tem um pessoal novo que chega, tem um despreparo do pessoal antigo para o novo que está chegando, e tem também um despreparo de quem chega e diz: "Oh! Tem uma Escola aí sesquicentenária e outra centenária". Tem toda uma coisa de acertos e desacertos, mas existe. Então, a minha leitura – eu não gosto muito de ficar usando essas palavras, mas saiu, está dito –, a minha visão dos problemas que a gente viveu e tem vivido, parte deles está nisso, às vezes. A Universidade está departamentalizada, não é? O diretor das unidades, hoje, é mais uma "Rainha da Inglaterra"[108]. Me desculpa aí no coisa... O pessoal vai lá, se não der certo, ele é cobrado. E o pessoal que veio já se acostumou a resolver os problemas diretamente na sua Reitoria, no Conselho Universitário, esse negócio. E o que eu vi? Diretor decidindo coisas; hoje ele não tem mais essa autonomia. Eu acho que a gente tem que manter uma identidade, tomando o passado como referência. O passado é uma referência, porque é o que foi criado, o que se

[106] Atual UNIFEI, Universidade Federal de Itajubá.
[107] O professor Antônio Fagundes de Sousa foi reitor da UFOP na década de 1980.
[108] Expressão usada para destacar o fato de que ele não possui autonomia para a tomada de decisões, tal qual a Rainha da Inglaterra, onde o sistema de governo é o parlamentarista.

fez, não é? Vamos falar especificamente da Escola de Minas, sobre a questão do desenvolvimento da Engenharia no país. Quantos nomes daqui ocuparam cargos de destaque em toda essa evolução que culminou hoje... Hoje, não! Hoje existem outras universidades também. Mas a Escola foi pioneira, foi a Escola que veio abrindo a picada, o bate-pau. Abrindo a picada para depois o pessoal fazer a estrada e tal e outras universidades. Então, a importância... A Escola de Farmácia, dentro do seu âmbito, eu a vejo também da mesma maneira... Voltando, as unidades do ICHS[109] e Ciências Humanas deveriam também ter uma autonomia maior para caminhar um pouco, não depender muito. Eu acho que isso trava muito. Não sei se estou certo, mas é minha visão.

**Keka Simões –** Mudando um pouco de assunto, o fato de a gente ter chegado aqui hoje e ver você preparar pigmentos para fazer tapetes[110], isso não deixa de ser um trabalho com a terra, com tintas, não é? É um prolongamento?

**Kelé –** Não, é o que eu chamo de... Hoje apareceu até um nome para essa coisa: Educação Patrimonial. Faltava esse termo, certo? A gente fazia essa coisa, mas hoje fica fácil. Você fala Educação Patrimonial, você ganha tempo, não precisa explicar muito. Eu participo, como voluntário, do Museu de Ciência e Técnica[111]. Estou tentando recuperar uma maquete da Mina do Morro Velho, quando ela tinha atingido a sua maior profundidade. Em 1931, 1932, era a Mina mais profunda do mundo. Ela foi detonada. Nós estamos tentando... E toda semana, não é? Este ano, a gente não começou ainda com a Terezinha Lobo Leite[112]. A gente vem... Para a meninada de escola, na parte da tarde de toda terça e quinta, a gente passa lá falando sobre cantaria, e no Museu mostrando, falando alguma coisa. Mas, nessa faixa de idade, a meninada espalha, você não consegue mais segurar menino, não é? Quando a gente entra no Museu, vai ver aquela... Na parte de Mineralogia, aquele Museu bonito, o pessoal fala: "Oh, gente!" Eu me lembro de uma turma de Antônio Pereira: "Nossa! Nossa!" Eu falei: "Oh, vem cá. É lá da sua terra esse topázio!" "Nossa Senhora! A gente não pode levar só um?" [riso] O menino, é claro: "Podia levar um para casa, tem tanto aí!" Essa questão da Educação Patrimonial, seja mostrando para o

[109] Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.
[110] Tapetes devocionais que decoram as ruas na procissão da Ressurreição na Semana Santa, em Ouro Preto.
[111] Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas.
[112] Professora ouropretana que leciona História e Geografia.

pessoal a parte da história, seja na questão do tapete, o tapete de rua, que a gente... Nós, desde 1982, quando a procissão começou a vir do Pilar[113] para o Bom Jesus... Estou falando daqui da Paróquia do Pilar. Antônio Dias também tem a dela. A gente tem um trajeto, nas ruas. De sábado para domingo da Ressurreição, todo o pessoal já tem o material preparado. Anteriormente, eles preparavam o material e, a partir do momento em que se interrompia o trânsito, vinham para a rua e tal, e tinham a noite inteira para fazer. De uns tempos para cá, a Prefeitura tem fornecido o material. Este ano, a gente está tentando reverter a coisa. Amanhã, a gente vai dar uma oficina. Inclusive, eu estou separando... Vocês viram a bagunça, não é? Todo o material, a minha colorteca – um registro da receita para obtenção daquelas tonalidades, embora eu goste muito de trabalhar não repetindo cores. Mas eu tenho que ter uma referência para mostrar aos outros: "Oh! Serragem natural é esta; serragem colorida, tingida, é esta". Tem todo um processo, que nós viemos desenvolvendo ao longo do tempo, para otimizar a obtenção. E a gente divide a Paróquia do Pilar em duas partes: o adro do Bom Jesus e a rua. No adro, a gente pode fazer um trabalho mais detalhado – a partir de quinta-feira à tarde, não tem atividade no Colégio[114], e o adro já está por nossa conta. Então, ali dá para desenhar, há os projetos, o pessoal vai, risca, aí vem pessoal que ajuda e a gente prepara. Até no sábado, já está tudo no jeito: a serragem já foi previamente preparada para isso. O que é essa preparação? Para o adro, eu sempre pego serragem nas marcenarias, separada, eu não misturo. Serragem Paraju, que é avermelhada, o Vinhático que é amarelo. A cor natural já é uma cor... O Pinus, que é branco, aceita qualquer cor. Então naquelas cores... Violeta, cor de um azul intenso. É muito difícil você trabalhar a serragem comum, porque ela vem toda misturada. E a diferença da madeira interfere, ela interage. Às vezes, você tenta fazer uma coisa e sai outra, você não consegue o resultado. Ao longo desses... De 1982 para cá, a gente vem desenvolvendo um processo... Eu trabalho com um determinado tipo de anilina industrial. Ela tem se mostrado, ao longo do tempo, bem mais econômica, apesar de aparentemente ser mais cara. No conjunto, ela sai mais econômica, com um resultado muito melhor com relação às cores, à qualidade das cores. Lá no

[113] Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar.
[114] Colégio Arquidiocesano.

Bom Jesus, então, a gente pega aquela serragem. De um saco de serragem eu tiro três produtos: o pó da madeira, o pó de Cedro; o pó de Paraju, aquele pó avermelhado; o pó de Vinhático, aquele pó amarelado. Nesse pó eu geralmente não uso anilina, porque o aumento da superfície ocasiona um gasto muito grande de anilina. A partir do momento em que eu retiro aquele pó, eu passo em uma peneira, que a gente chama peneira de feijão, peneira de café. Forço um pouco e ele sai uniforme, com a granulometria menor, mas ele está ali e tal. Eu reservo aquela parte. Aquilo que ficou complicado de passar na peneira, eu jogo em uma outra, de granulometria maior. Então eu tenho três produtos em um saco de serragem. É uma coisa trabalhosa, mas você ganha depois em qualidade, na resposta que você obtém trabalhando aquele material. No pó, no gravetalho[115], eu não vou usar anilina ali, porque vou gastar muito e não dá o resultado que me dá depois com a serragem já peneirada e separada. Outra coisa que eu acho que é o "ovo de Colombo", que a gente descobriu e que permite também um controle muito grande: eu trabalho artesanalmente em uma bacia dessas de tomar banho, um balde de 20 litros. Eu coloco ali a serragem sem socar, seca. Venho com a medida – eu tenho um medidor... Vocês já viram aquele medidor de cozinha que mede açúcar, arroz e não sei mais o quê? Escolho uma daquelas medidas e vou trabalhar com aquele referencial. Por exemplo, o açúcar: 50 gramas, 65, 80, sei lá, uma coisa assim. Eu coloco 50 gramas de açúcar, mas preenchido com anilina. Aquilo eu jogo na serragem seca; não molho antes. E misturo aquilo. Aquilo some. Opa! Sumiu, sumiu a anilina! Na hora em que jogo água vem toda a cor e vem por igual. Então, eu posso fazer uma carreta usando aquela medida. Você não nota, não há diferença de tonalidade, das nuances de tonalidade. Agora, trabalhando com tempo, dá para fazer um controle muito rigoroso da tonalidade. Já no caso da Prefeitura, que fornece para a rua, não há tempo de separar a serragem. A quantidade é muito grande e ela não pode ficar ali de baldezinho. Então trabalha com betoneira. Mas a gente procura sugerir ao pessoal que trabalhe medindo um balde e coisa... Na bacia da betoneira, você vai jogar cinco ou seis baldes. Se para um balde eu usei determinada medida, para seis serão seis vezes mais. Aquilo tem dado uma resposta; a economia está aí para o pessoal

[115] Gravetos.

ter sensibilidade e não jogar além. Às vezes, o sujeito pega e joga uma quantidade muito grande. Você obtém resultado até um certo ponto, dali em diante é perda. Então, essas coisas todas... Mas são experiências que a gente vem acumulando. Amanhã, como eu disse, a idéia é voltar ao próprio pessoal do circuito[116] a tarefa de fazer seu material. Aí sim, ele vai ter o seu projeto, em frente de casa; ou junto com um vizinho, os dois fazendo um projeto ali. O que ele vai trabalhar: uma distância de 20, 30 metros no máximo, certo? Então ele pode trabalhar artesanalmente, porque não vai fazer para a rua toda, vai fazer para aquele...

**Keka Simões –** Aí há o retorno de uma tradição ouropretana.

**Kelé –** De uma tradição ouropretana! Não ficar dependendo de um órgão público dar o material, colorido segundo o órgão público pôde fazer. Então ele vai fazer. Se a gente ensina: "Ah! Se você misturar o amarelo com o azul em proporções... Olha, você vai obter tonalidades de verde variando e tal". E assim ensina a questão das cores primárias e depois das cores secundárias, não é? Aí o sujeito... Quanta gente tem um dom artístico que está... Nunca teve a oportunidade de manifestar! Essa pessoa, de dois em dois anos, vai ter o seu dia de artista plástico. Vai para a rua, vai pensar naquilo, vai à marcenaria, vai trazer só meia dúzia de sacos de serragem. Isso dá em dois anos, não é? No último ano, alguns meses antes, ela ajuda a marcenaria, porque limpa [riso] e separa a serragem. A serragem de Pinus, branquinho, é uma cor; do Paraju que é vermelha, avermelhada, é uma cor. Se eu quero uma cor mais forte, eu jogo nela uma anilina vermelha e aumento a dosagem até um certo ponto. Dali em diante ela não... Então aí eu estou perdendo. Agora, a prática é que te mostra isto, até que ponto você vai. E assim com as outras cores. É isso que a gente vai ensinar. Procedimento análogo a gente faz com pó de couro. O pó de couro tem um cinza azulado; ele já é bonito! Você joga aí um rosa maravilha, por exemplo, que é um tipo de anilina, ou um azul-metil ou um violeta, um verde, e, quando ele bate no pó de couro, te dá uma resposta que você fica: "Oh! Como é que você obteve isso?" "Sei lá, aconteceu!" "Agora eu sei: se eu jogar esta cor aqui, vai dar isso, não é?"

[116] Circuito da procissão da Ressurreição.

**Keka Simões –** Você realiza um trabalho em que sua experiência de professor cruza com os próprios procedimentos utilizados na mineração. Estou ouvindo você falar de granulometria...

**Kelé –** A gente acaba utilizando...

**Keka Simões –** O jargão...

**Kelé –** É, o jargão! [risos]

**Keka Simões –** Não só o jargão, mas a prática da mineração, de separação de rochas...

**Kelé –** E separação de serragem. O procedimento é análogo.

**Keka Simões –** O procedimento é análogo. E também faz um outro trabalho que seria um trabalho de recomposição, vamos dizer assim, de uma cidade no sentido dessas tradições.

**Kelé –** É, Educação Patrimonial, essa questão de voltar ao que era antes, da pessoa ser orientada... Dar a ela um suporte, para que ela tenha satisfação de falar: "Eu busquei a serragem, eu tingi a serragem, eu fiz este projeto". Ou: "Para o pagamento de uma promessa, eu fiz isto aqui. A minha promessa é minha obra de arte". De dois em dois anos, pelo menos, eu venho aqui e tenho meu minuto de artista plástico. Às vezes, a pessoa pode descobrir coisas naquilo. Por exemplo, tem a FAOP, que oferece uma gama muito grande de pequenos cursos. A partir dali, a pessoa vai aprimorar, pegar uma bagagem, uma coisa teórica, conceitual. Eu acho. Pelo menos aconteceu isso comigo. Eu fui lá na FAOP, fui atrás de coisas... Fui fazer objetos com o Uziel e aí peguei uma linha. Mas o Uziel me passou o conceito de objeto. Eu ouvia falar em objeto: "Bom, o que é objeto?" Nesse sentido, o Uziel me passou. Mas se eu não tivesse ido lá, não teria essa luz.

**Keka Simões –** Kelé, não tenho mais perguntas. O que você colocou para a gente, e que estará à disposição de pessoas leigas, vai ajudar a compreender mais a mineração. Bernardo, você tem alguma pergunta?

**Bernardo Andrade –** Não.

**Keka Simões –** Eu queria agradecer muito. Se você tiver mais alguma coisa para colocar em cima disso...

**Kelé –** Eu acho é o seguinte. Vou ser assim muito rápido. Toda pessoa não deve se contentar com aquilo que está fazendo. Eu sempre fui um curioso, sempre gostei de desafios. Algumas vezes, quebrei a cara. Não faz mal, não

tem problema. Mas toda pessoa tem determinados dons; se ela procurar, vai ter um passatempo, um *hobby*. Eu não gosto muito desse negócio de terapia, não. Terapia: "Ah! Isso é uma tremenda terapia!" Não! Terapia é para nego[117] doente, que se aceita como doente e doente mental e coisa, sabe? Às vezes, o deficiente mental... É uma coisa que não depende dele. "Ah! Isso é uma terapia!" Eu digo: "Terapia é para quem precisa. Eu estou fazendo uma coisa de que gosto". Eu não sei se vocês têm esse sentimento. Eu tenho esse sentimento. Terapia é: "Ah! Coitado, estava mal! Mas está fazendo uma terapia ocupacional, não é?" Então melhorou: "Viu como é que está legal?" Não é nada disso! A pessoa normal tem isto em potencial – abrir as comportas e tentar fazer coisas, em qualquer campo. Ele vai ver que ele consegue pintar. Ele vai ver que ele consegue fazer o seu tapete de rua e, a partir daí, uma obra de arte, usando a serragem colorida para fazer quadros, por exemplo, usando aquilo para fazer combinações com outras coisas. Quer dizer, tem o... E isso dá motivação, dá um sentido à vida da gente. E tentar criar coisas bonitas. Eu volto ainda, só para encerrar: a mineração foi sempre definida como "a arte de". Mas é uma arte curiosa! Quando o artista faz um quadro, ele quer que você veja o quadro; quando faz uma escultura, ele quer que você veja a escultura. A mineração é uma arte que, se for plenamente executada, ninguém percebe. É a perfeição pela não percepção. Mas são artistas, não é? Coisa curiosa a mineração, "a arte de". Cada jazida é um desafio. A lavra subterrânea é uma escultura que se faz internamente: o procedimento para desmonte, depois o processo para escoramento, o abandono de pilares ou enchimento etc etc etc. Está aí o paralelo. Eu acho que tendi mais para a mineração justamente por isso. Não há uma mina igual à outra. É sempre a obra de arte que você fez. Aquela é única. Você não produz duas. Produz outras semelhantes, dentro de uma linha mais... O engenheiro de minas – eu estenderia ao geólogo – parte daquelas informações e cria um modelo. O engenheiro de minas trabalha em cima desse modelo e extrai. Depois, mascara aquilo integrando à coisa dominante. É a perfeição pela não percepção na mineração: "a arte de". E o artista mostra aquilo que faz; também "a arte de". São dois artistas.

[117] Gíria utilizada para indicar uma pessoa qualquer.

**Keka Simões –** Muito obrigada, Kelé. Foi ótimo! O Projeto agradece e nós mais ainda pela aula que tivemos. [riso]

**Bernardo Andrade –** Falou bem aqui, analogia entre arte e mineralogia.

**Kelé –** Mineralogia não! Mineração! Mineralogia é uma disciplina que estuda os minerais. O pessoal confunde isto também. Mineração, no seu sentido amplo, é isto tudo aí: a busca, o estudo, a preparação, a extração e a reabilitação.

**[Término da entrevista]**